

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 28 numeros.—Para os Estados 28\$000 e 13\$000. - Numero avulso 500 réis.

DIRECCÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

ASSIS PACHECO . . .	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	A.
PAIZAGEM	Francisca Julia da Silva.
O INCULCADOR	Lucio de Mendonça.
QUESTÃO DE HONRA	Arthur Azevedo.
MAGDÁ	Luiz Cassiano, junior.
CARTA DE UMA ESTRELLA	Arthur Mendes.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato do
DR. ISIDORO MARTINS JUNIOR

ASSIS PACHECO

Francisco de Assis Pacheco tem vinte e oito annos; nasceu em S. Paulo, na cidade de Itú, aos 8 de Janeiro de 1865.

Filho de uma familia muito distincta, recebeu educação esmerada, e em 1887 formou-se em sciencias juridicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Logo depois de formado, em 1888, estabeleceu-se como advogado na cidade de Santos; mas n'esse mesmo anno foi nomeado procurador fiscal da Fazenda Geral, cargo que deixou em 1890 para exercer o de promotor publico da capital de S. Paulo.

Durante muito pouco tempo vestio Assis Pacheco a beca da Justiça; a sua indole e o seu temperamento deviam-no da magistratura e levavam-no para o cultivo consolador da musica e das lettras.

Ainda estudante, em 1887, elle publicára um volume de poesias, *Vespertinas*, que lhe valeu alguns encomios.

Antes e depois d'essa obscura tentativa litteraria, collaborára assiduamente no *Jornal da Tarde*, de S. Paulo, no velho *Correio Paulis-*

tano, no *Correio de Santos* e no *Diario de Santos*.

Fundou a *Quinzena Paulista* com Emiliano Pernetta, e o *Braz Cubas* com Marinho de Andrade, Severiano de Rezende, Mario de Alencar e outros.

Entretanto, preparava o libretto e a partitura da sua opera em 1 acto, *Moema*, que foi cantada em 1889, no theatro S. José, de S. Paulo, por uma companhia italiana muito regular, de que era empmezaria a Casa Apollo.

Depois de uma viagem ao Rio da Prata, Assis Pacheco veio em 1891 para esta capital, onde durante algum tempo fez parte da redacção da *Cidade do Rio*.

No anno seguinte escreveu a musica saltitante da revista de anno o *Tribofe*, e um poema symphonico, *Romeu e Julieta*, muito gabado pelos entendidos. Escreveu igualmente um bello quartetto para cordas intitulado *Plainte*, muitos romances sem palavras, nocturnos, etc., composições essas que se acham ineditas, porque na capital dos Estados Unidos do Brasil só se editam musicas que façam dansar.

Ultimamente a empreza da companhia lyrica Sanzone, que funcionava no Polytheama, offereceu-se para representar a *Mcema*. O nosso *maestrino* aceitou jubiloso o offerecimento, e a opera entrou em ensaios.

Sobrevieram todas as contrariedades possiveis; o regente da orchestra, a prima-dona e o barytono despediram-se da companhia, e foram pessimamente substituidos. Mal ensaiada, mal comprehendida pela orchestra, pelos artistas e pelos proprios coristas, a pobre opera foi muito mal desempenhada, uma unica vez, quasi de surpresa, no sabbado de carnavaal, para um publico de carnavalescos! Ainda assim, houve na platéa quem lhe admirasse as belezas, e fizesse justiça ao autor. Para prova, ahi está o bello e sincero artigo de Alfredo Camarati, transcripto no ultimo numero do *Album*.

As contrariedades de que foi victima o autor da *Moema* levaram-nos a publicar-lhe o retrato, contribuindo para consolal-o na proporção dos nossos recursos, e com os elementos de que dispomos. Não

se esnaga assim um talento, não se destrói assim uma esperança artistica em paiz de tão raros artistas, não se corta assim o vôo de uma aguia!

O que vale é que Assis Pacheco tem uma alma estoica, e não desanima: elle trabalha actualmente n'outra opera, *Cleopatra*, e fal-o com tanto enthusiasmo como se o engrinaldassem todos os louros da victoria!

O autor da *Moema* espera partir brevemente para Europa, afim de aperfeiçoar-se no estudo da musica; para isso conta, creio eu, com uma subvenção do seu Estado natal. Se assim for, irá pela primeira vez aprender, — sim, porque esse moço, que compoz e instrumentou uma opera representavel, com uma prodigiosa intuição dos processos wagnerianos, nunca teve um mestre de musica! Adivinhou o que sabe!

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

A menos que eu transgrida a primeira clausula do programma do *Album*, que é não metter o bedelho na politica, não me é possível dar hoje chronica.

Durante a semana inteira só se fallou de politica. O Rio Grande do Sul occupou todas as atenções e todos os espiritos, e a opinião publica esperou ansiosa, e em vão, o desfecho da luta entre castilhistas e federalistas.

Entretanto, eu prefiro escrever uma chronica pouco interessante, e mesmo não escrever nenhuma, a violar a clausula mais benemerita e mais salutar do programma do *Album*. Que os rio-grandenses se assassinem todos uns aos outros, e não fique nem um para remedio: o chronista fará de conta que de nada sabe, lamentando apenas que os brasileiros não reservemos as explosões dos nossos odios e das nossas valentias para quando tivermos de ajustar contas com estranhos. Não ha nada mais estúpido que uma guerra civil.

Se o Sr. Castilhos fosse verdadeiramente amigo do seu paiz, ha muito tempo ter-se-ia retirado do Rio Grande do Sul, sacrificando á tranquillidade publica os seus caprichos e ambições. O Sr. Castilhos é o causador de tudo. Quando esse cidadão é governador, ha barulho; quando deixa de ser, ha barulho; quando volta a ser, ha barulho. O melhor

que elle podia fazer em beneficio geral era deixar de ser, com a declaração formal e categorica de que não queria tornar a ser.

*

Notem os leitores que essa pequena observação nada tem de politica; eu não sei bem o que desejam os castilhistas nem os federalistas; se me perguntassem qual dos dous partidos tem razão, ver-me-ia bastante embaraçado para responder. Não sacrifico ao Rio Grande do Sul a minha deliciosa indiferença pela politica.

Trata-se de uma questão de simples bom senso. Se eu reconhecesse que a minha presença n'uma casa era motivo de perturbação e discordia, immediatamente agarrava o chapéo e punha-me no andar da rua, muito satisfeito por haver com esse acto promovido a tranquillidade alheia.

Grande virtude n'um homem é saber retirar-se a tempo.

Se o Sr. Castilhos dissesse aos rio-grandenses: « Se é para bem de todos... vou-me embora », e sahisse do Rio Grande, seria caso para carregal-o em charrola e offerrecer-lhe o retrato a oleo.

Accresce que na gloriosa terra de Bento Gonçalves o Sr. Castilhos arrisca-se a que de um momento para outro o mandem para o outro mundo, como a tantos tem lá succedido. E — ora adeus! — a vida é uma bella coisa para quem é moço e tem talento como o governador do Rio Grande do Sul.

*

Não me faltam motivos para aborrecer a existencia, mas podesse eu viver tanto como aquella Maria dos Gatos, que morreu ha dias em Ouro-Preto, com 136 primaveras!

Diz um telegramma, publicado pelo *Paiz*, que essa interessante macrobia conheceu Tiradentes, e teve até a honra de ser operada pelo boticão do famoso dentista republicano. Quero crer que com Maria dos Gatos desaparecesse a ultima fregueza de Tiradentes.

Essa velhinha faz-me lembrar outra, tambem mineira, que encontrei ha uns oito annos, no Asylo da Conceição, á rua do General Camara, quando um dia me levaram a visitar esse piedoso estabelecimento de que ninguem falla. Ella disse-me que se

lembrava perfeitamente de ter visto a cabeça de Tiradentes n'um páo, exposta ao povo para escarmento dos que sonhassem com a Liberdade.

A.

PAIZAGEM

Dorme sob o silencio o parque. Com descanso
Aos haustos, aspirando o finissimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfato,
Pelas alas sem fim das arvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em scismas, tristemente, um alvissimo ganço
Escorrega de manso, esc rrega de manso
Pelo claro crystal do limpido regato.

Nenhuma ave siquer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechan sob a nocturna sombra.

E enquanto o ganço vae, abstracto em scismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céo camandulas de estrellas.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

O INCULCADOR

Ao corpo de bombeiros, gloria nacional, podemos affoutamente accrescentar as corridas de cavallos, como outra flor de nossa civilização.

Já as temos mais interessantes do que muita nação estrangeira emproada. Do que Portugal, nem fallemos: quem leu o episodio das corridas do hippodromo de Belem nos *Maias*, fica tendo pena da simplicidade primitiva dos nossos *irmãos d'além-mar* neste genero de *sport*. Vêr o Carlos da Maia apostar com Deus e todo o mundo — até com a legação da Finlândia — e n'uma *tacada* fabulosa, de um *azar* perfeitamente inedito e imprevisto, ganhar, por junto, doze libras! é para matar de dó! doze libras ganha aqui a brincar qualquei amador mediocre e jogando em favorito.

Mas não venho conversar acerca das nossas corridas de cavallos em geral, senão especialmente de um typo que ellas produzem e que entre nós tem physionomia propria: — o inculcador.

O inculcador é o sujeito que dá palpites a troco de qualquer pecunia; todo preço lhe convem, por que tambem vende de tudo, desde a informação virgem, colhida na fonte pura dos proprios *jockeys* do pareo, ou do proprietario em pessoa, até a inculca mentirosa, inventada de momento, sem inspiração nem bom-senso.

Nas corridas francezas de Longchamps e Chantilly ha o vendedor de palpites, mas ha-o francamente exposto á procura, com o serviço taxado, meia duzia de soldos. Nenhum amator que se prese lhe compra a mercadoria, que a ingenua publicidade desacredita.

Cá o nosso é mais fino. Chega a gente ao ensilhamento e está a ver e a medir as probabilidades do jogo, o peso, o jockey, a distancia, a resistencia e a idade dos animaes, o estado da raia, as predilecções da casa das *poules*, as informações dos coitejos, os vagos palpites dos entendidos e até dos papalvos que tomam ares de entender, quando, d'improviso, ouve ao hombro direito, uma vozinha respeitosa e discreta que lhe murmura:

— *Seu* doutor, todo o jogo no *Médon*!

Volta-se a cabeça e dá-se com uma figura heteroclitica de bom rapaz e de gatuno, de olho terno, collarinhos sujos, gravata mirabolante, sapatos cambados, grossa corrente de *plaqué* sobre um collete que foi de fustão e é do diabo; e se, como é inevitavel, se lhe oppõe a minima duvida, uma sombra de hesitação e de receio, então é que é ouvir protestos:

— Pela felicidade de sua familia, *seu* doutor!

— Homem!...

— Posso jurar pelo que ha de mais sagrado: pela salvacão de minh'alma!

— Que diabo! isso é o menos! De quem ouviu você essa historia?

Vem então um esboço biographico em duas palavras. O inculcador é, em regra, um antigo empregado de coudelaria, relacionado com todos os *jockeys*; alguns têm o *chic* de ser inimigos d'este ou d'aquelle proprietario, cujos *tribofes* revelam — para os ensinar!

Se, afinal, um homem lhe dá ouvidos, o inculcador indaga logo solcito:

— Então, quantos cheques?

— Cheques?! não; compro umas duas *poules*.

— Nem diga isso, *seu* doutor! n'um cavallão destes! Jogue tudo! Olhe, espere aqui mesmo um instantinho, que eu vou me affirmar; não saia d'aqui; é um momento!

E esgueira-se por entre os grupos, e d'ahi a nada volta com o olhinho-sonso, como quem não quer patentear a mina á curiosidade dos circumstantes, e mais perto do nosso hombro e com a voz ainda mais recatada e convincente:

— Vá tudo no *Médon*! não ha castigo!

— Então acha...

— Tudo que tiver no bolso, senão ha de se arrepender! E, lendo-nos nos olhos a convicção que nos entrou, — Quantos cheques?

— Está bem; dous cheques, compro dous chêques.

— E' pouco, homem! só se não tem mais dinheiro. E' pareo de se jogar a vida!

— Vou comprar tres cheques, está acabado; tambem, nem mais vintem!

— Então, escute, compre em separado duas *poules*: uma para mim, outra para o *jockey*.

E acompanha-nos á ilhargá até que lhe mettemos nas unhas as duas *poules*. A's vezes ainda se ganha.

O curioso é quando, mais esperto que o velhaco, se consegue acompanhá-lo sem ser visto e vel-o atracar-se a outro contribuinte. Este agora é um massiço e desabusado burguez, que com certeza não se deixa engodar pelo meliante. Pois sim!

— *Seu commendador*, já jogou?

O homem olha por cima do hombro e nem responde ao valdevinos

— Se ainda não jogou, compre forte em *Melodia*, que é certo! é dinheiro no banco!

— Qual certo, nem qual banco! Este pareo é do *Médon*.

— Quem lhe disse a v. exc., *seu commendador*?! *Médon* não é máo, mas — abaixando muito a voz — o *jockey* está de dentro. O joguinho está feito para *Melodia*. Vá tudo na egua, que não se arrepende!

— Acha então que é sem perigo?

— *Seu commendador*, v. exc. compre quatro cheques, e me dê duas *poules*, que uma é para mim e outra para o *jockey*, a quem prometti. Ou jogue o que quizer; mas quanto mais, melhor!

Pas plus malin que ça. Toda a arte do inculcador cifra-se nisto: raro é o pareo em que a victoria não está para dous ou, quando muito, tres animaes; indica a freguezes diferentes cada um dos tres nomes; qualquer delles que ganhe deixa-lhe boa gorgeta; e joga pela certa, sem outro risco além de alguma descompostura, de uma bengalada, na peor hypothese.

Mais custa a outros a ganhar a vida

LUCIO DE MENDONÇA.

QUESTÃO DE HONRA

Eram sete horas da manhã. Braga Lopes, sentado n'uma deliciosa *chaise longue*, brunia as unhas e contemplava, pela janela do gabinete, o Pão de Assucar, que, por um bello effeito de luz, parecia de madreperola.

Angelica entrou no gabinete, e bateu de leve no hombro do marido.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

Por unica resposta, Braga Lopes apontou para uma carta aberta sobre a secretária de páo-rosa.

Angelica leu: o senhorio reclamava, em termos violentos, não sei quantos mezes atrasados do aluguel do predio nobre.

A moça encolheu os hombros, sahio arrebatadamente e mandou atrelar.

Fez ligeira mas elegante *toilette* de passeio, e, calçando as luvas de pelle da Suecia, recommendou ao engravatado copeiro que não a esperasse para almoçar.

O marido ouviu rodar o *coupé* e chegou á janela. Acompanhou com a vista o trajecto do carro em quasi toda a curva da praia de Botafogo, até que o vio desaparecer na rua Marquez de Abrantes.

— Aonde irá ella arranjar quinhentos mil réis a estas horas? pensou, e, sentando-se de novo, recommçou a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

*

Ao entrar no *coupé*, Angelica dissera ao boleeiro:

— Vamos á baroneza.

A baroneza estava ainda no leito. Angelica foi introduzida no dormitorio.

— Preciso de quinhentos mil réis.

— Já?

— Já.

— Impossivel, minha amiga; o barão está em Petropolis.

— Petropolis em junho!

— Foi a negocio e não a passeio. O dinheiro está com elle, bem sabes. Sinto não te poder servir neste momento, como n'outras occasiões o tenho feito. Não é a primeira vez que tu...

— Bem. desculpe... adeus, baroneza.

Angelica a sahir e o barão a entrar.

— Oh, madame Braga Lopes! a que feliz acaso devemos tão matinal visita?

— Não tinha ido para Petropolis, barão?

— Petropolis em junho! *Jamais de la vie!* Seria ridiculo! Sahi muito cedo por necessidade e só contava estar de volta ao meio-dia. Esteve com a baroneza?

— Sim, Sr. barão; passe bem.

E Angelica, mordendo os beiços de raiva, entrou rapidamente no *coupé*, cuja portinhola o barão abriu pressuroso com a mão esquerda, enquanto a direita fazia o chapéo descrever uma pequena recta, muito graciosa, á ingleza.

O boleeiro voltou-se para receber as ordens da patroa.

— Vamos ás Guedes.

O barão fechou a portinhola, e o carro poz-se em movimento.

*

As Guedes eram tres irmãs solteironas. Moravam na rua do Conde, perto de Catumby.

Angelica esperou por ellas durante quarenta minutos. Empregou todo esse tempo a passeiar de um lado para outro, muito contrariada por se ver alli, n'uma rua tão burgueza, naquella velha sala sem tapeçarias, nem reposteiros, nem *bibelots*, fastidiosa com a sua esmagadora mobilia de jacarandá e os



ASSIS PACHECO

seus venerandos castiões de prata, resguardados em monstruosas mangas de vidro.

N'uma velhissima tela o pac das Guedes, pintado a oleo, muito serio, inteiramente barbeado, de oculos, o pescoço escondido n'uma abundante gravata de cinco voltas, as mangas da casaca muito apertadas, as mãos a emergirem das rendas dos manguitos, olhava fixamente para Angelica, e parecia dizer-lhe :

— Que vens aqui fazer? Não arranjas nada!

Afinal appareceram as Guedes. Entraram as tres ao mesmo tempo, com pequeninos gritos de surpresa alegre, fazendo um gasto enorme de beijos, abraços, pancadinhas de amor e phrases candongueiras : Mas que milagre é este? Por isso é que o dia está tão bonito! Vou mandar repicar os sinos! etc.

— Sente-se, Dona Angelica.

— Não; a demora é pequena. Vinha pedir-lhes um grande obsequio. Preciso de quinhentos mil réis.

As Guedes entreolharam-se estupefactas.

A recusa foi categorica e formal. Não podiam naquella occasião dispor nem de quinhentos réis, quanto mais de quinhentos mil réis. A « pouca vergonha » de 13 de Maio deixara-as quasi na miseria. Se não possuíssem aquella « humilde choupana » e mais dous sobrados na rua dos Pescadores, estariam reduzidas á miseria.

Angelica sahio despeitadissima; entretanto, não desanimou. O passivo e solícito cocheiro levou-a ainda á presença de seis amigas ricas, e todas lhe disseram não! Em toda parte a misera encontrava esse monosyllabo terrível!

*

Ao meio-dia, humilhada, indisposta, em jejum, com os nervos excitados por aquella violenta caçada, por aquelle perseguir uma quantia miseravel, que lhe fugia das mãos obstinadamente, a pobre Angelica teve um gesto expressivo e supremo de resolução e coragem.

Alguns minutos depois, o *coupé* deixava-a no largo de S. Francisco. Ella tomou a pé a rua do Rosario, atravessou a da Quitanda, entrou na da Alfandega, e, sobresaltada, palpitante, com muito medo de que a vissem, entrou precipitadamente n'um casarão de dous andares.

No corredor hesitou alguns segundos antes de subir; mas, enchendo-se de animo, galgou ligeiramente ás escadas até o segundo andar. Abriram-lhe logo a porta, e ella, tremula, offegante, com as mãos muito frias, sem poder proferir uma palavra, cahio nos braços de um homem, que a recebeu com um beijo, e lhe disse :

— Estava escripto que mais dia menos dia a senhora se compadeceria dos meus tormentos...

— O que me traz á sua casa é uma questão de honra; conto com a sua discrição e o seu cavalheirismo. Preciso de...

Angelica envergonhou-se de se vender por tão pouco, e quadruplicou a quantia :

— Preciso de dous contos de réis.

— Já?

— Já.

*

O relógio da Candelaria batia duas horas quando madame Braga Lopes, perfeitamente almoçada, desceu as escadas da casa da rua da Alfandega.

Póde ser que o arrependimento apparecesse mais tarde; naquella occasião ella era toda satisfação e triumpho.

A gentil peccadora entrou radiante na rua do Ouvidor, e foi ter ao Palais-Royal.

— Ainda ahí está? perguntou a um dos caixeiros da loja, com receio de que mais uma vez lhe dissessem não.

— Ainda, e ás suas ordens.

— Bom, accrescentou ella, depois de um prolongado suspiro; aqui estão os quinhentos mil réis. Maude-m'ó á casa.

*

— Com effeito! exclamou Braga Lopes quando Angelica lhe appareceu ás tres horas. Com effeito! passaste o dia inteiro na rua!...

— Sim, vê lá se achas que uma mulher, que só tem brilhantes falsos e joias de pechisbeque, possa facilmente arranjar quinhentos mil réis...

— Mas para que precisavas tu d'esse dinheiro? perguntou indifferentemente o extraordinario marido.

— Uma questão de honra, meu amigo. Imagina que me apaixonei por um vestido que vi hontem na *vitrine* do Palais-Royal; imagina que a Laurita Lobo queria por força ficar com elle; imagina que o dono da loja declarou que o entregaria á primeira das duas que lhe levasse quinhentos mil réis!...

— Ah! bom! assim, sim, obtemperou Braga Lopes, que recomeçou fleugmaticamente a sua occupação predilecta — brunir as unhas.

ARTHUR AZEVEDO.

CARTA DE UMA ESTRELLA

« Querida Angelica :

Ah! se me lembro d'aquellas lagrimas tão claras que saltavam como perolas de dentro dos teus olhos negros e escurriam ligeiramente pelas tuas faces alvas, abatidas das noites de vigilia que passaste ao meu lado, á minha cabeceira, enfiando de quando em quando, n'um afago doce e sincero, esses teus dedos brancos pelos meus cabellos alourados, sorrindo sempre e sempre a me dizeres: Não morrerás,

não morrerás!... Ah! se me lembro, minha doce irman!

Mas foi baldada toda a dedicação da tua alma; todas as supplicas do teu coração foram inúteis para que me fosse mister continuar por esse mundo, descuidada e feliz em tua companhia, ouvindo o galanteio dos homens e vendo por entre elles passar todos os dias o meu predilecto, com o olhar muito fito nos sorrisos que os meus labios lhe mandavam, sorrisos que se transformaram todos nesta luz que hoje esparzo cá de cima, de um cantinho azul do firmamento, por sobre sua cabeça, á luz dos olhos seus volvidos, n'um explicavel esquecimento, para outros sorrisos, illudidos talvez como os meus o foram.

Ouve agora o que foi a minha viagem, desde o momento em que os meus olhos se cerraram e tanta gente se acercou de meu leito, todos contristados, ensopando os lenços brancos no pranto que lhes enchia os olhos; em que tu, minha Angelica, de momento a momento encostavas os teus labios tremulos na minha face enregelada e alli os deixavas por longo tempo n'um longo beijo.

Escuta, pois:

Não te recordas, talvez, tal a saudade que n'aquella hora te pungia, das flores de que cobriram o meu vestido branco, do diadema que pregaram em meus cabellos quando me estenderam no caixão cor de neve.

E assim permaneceu por toda a noite o meu fragil corpo, tendo hirtas as minhas mãos erguidas para este cantinho azul do firmamento, de onde eu o fitava nesta forma luminosa de que fizeram de certo o meu olhar.

Via-te e penalisava-me o teu pranto.

Pela manha, quando á janella aberta do meu quarto vieram ainda chilar os passarinhos e vieram batendo as azas azuladas algumas borboletas, que eu ás vezes horas e horas ficava a contemplar, entrou o conego, aspergio-me com o hyssope o rosto de agua benta e disse unhas palavras em latim. Depois quatro mancebos tomaram das alças do caixão e levaram-me para um carro de columnas douradas, puxado por tres parelhas de garbosos giuetes brancos, da cor do meu vestido e da cor do meu caixão.

E fui levada pelas ruas da cidade, onde ás janellas as crianças, as nullieres e os homens se agrupavam para me ver passar. Os transeuntes tiravam tristemente os seus chapéos. Por fim, o meu corpo passou a ser apenas o cuidado dos coveiros.

Lançaram-me á cova e desapareci dentro da terra, enquanto a minha luz surgia no firmamento e enchia de claridade a minha sepultura.

Agora, todas as noites eu venho ver d'aqui o mundo, d'este canto azul do céu, e tantas vezes, minha Angelica, tenho observado que persiste no teu coração uma grande saudade da tua amiga.

Vejo-te rezar quando te deitas e pedes por mim a Deus.

Hoje, que te escrevo pela vez primeira, a minha luz estende-se pelo deserto afora. Alguem caminha

e fita-me de lá. Noto que os seus labios se movem.

E' o poeta, minha amiga.

Só elle, indifferente ao mundo e dos homens afastado, caminha como Job pelo deserto e conversa connosco e nos entende.

Adeus.

Da tua. — MAGDALENA ».

ARTHUR MENDES.

MAGDA'

A ALUIZIO AZEVEDO

« Dá que eu te oscule os membros, ó Senhor,
O' dono da minh'alma! já que a prece
Que aos' teus ouvidos lanço, me parece,
De ouvil-a toges, ó meu Salvador! »

« Mais me cresce, miserrimo, este amor,
Mais minha magua incomparavel cresce:
Dá-me o sol que me falta, ao menos esse
Riso, que negas, purificador! »

« Quebra a mudez de que te orgulhas tanto,
E volve a mim o teu olhar, porquanto
Quero soffrer contigo nessa cruz... »

E o Christo mudo, emfim, cingindo, louca,
A' bocca delle colla a propria bocca:

— « Homem não és, ó gelido Jesus! .. »

LUIZ CASSIANO, JUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

IV

A's sete horas os dous amigos foram pontuaes. A sala do *Café* apresentava um aspecto verdadeiramente luzido e deslumbrante. As paredes extensas e pintadas a oleo e de cor clara, dariam monotonia ao effeito geral, se uns ligeiros e bem dispostos frisos de ouro não viessem margear os numerosos espelhos que faziam corpo com a parede em toda a direcção longitudinal.

Depois, a luz do gaz quebrava-se de encontro á superficie brilhante e polida d'aquelles reflectores de primeira qualidade, como que recentemente sa-

hidos das grandes fabricas de Bergen. No intervallo de espelho a espelho, levantavam-se estatuetas bem trabalhadas e avultados vasos, guarnecidos de tu-fados arbustos.

As mesas do café, alinhadas como soldados em fôrma, destacavam-se com o seu plano reetangular de inarmore jaspeado sustido por tripedes de ferro bronzeado. Ao longo da linha do centro viam-se columnas cylindricas de grande diametro na altura da linha de terra, no circulo da base, como que assemelhando os mastros da mezena que, nos navios, atravessam a camara e a sala de armas para se sumirem no porão. Um pouco ao fundo, sobre um estrado bastante elevado, erguia-se o piano, mostrando aos que entravam um dorso quadrado e vestido de setim *grenade*, como irmão de irmandade figurando com a sua opa.

Lucio e Carrero foram sentar-se quasi ao fundo, depois de trocarem alguns cumprimentos e sorrisos banaes com os conhecidos que por alli encontravam.

O pianista, como que a dominar aquelle zumbido de conversação em voz baixa, atacava, com uns *fortissimos* possantes e energieos, os primeiros compassos da brilhante valsa de Waldtenfel *Immer oder Niemals*, abrindo exageradamente os braços, n'uma justaposição simultanea de accordes, vibrando nos extremos do teclado; parecia padre officiante em momentos de um *Dominus vobiscum*.

Ao sentarem-se, Lucio chamou a attenção do amigo para a musica que se executava.

— Conheces esta valsa?

— Assim, asiim: não sou forte em musica e a minha memoria não guarda nem sequer dous compasos da *Me gustan todas*.

— E' a valsa da moda nos bailes da Grande Opera de Pariz. O titulo é a minha divisa: *ou sempre ou nunca*.

— Sim, sim; estou percebendo que é a divisa dos *constantés*, dos que se dedieam a uma unica mulher! E' um pouco velha a philosophia; em todo o easo, não é ruim.

— Tal qual m'o dizias ha pouco. Ha coisas, porém, que não sei explicar. O teu character é a antithese do que demonstras. Detestas as mulheres... Conta-me lá essas decepções!...

Carrero tinha bom estomago e melhor coração. Forte, athletico, feio, mas d'essa fealdade que respira sympathy, sempre de mãos nos bolsos, cantarolando melodias estranhas, todas composições da sua negação musical, possuia o dom de ter espirito quando queria communicar um riso galhofeiro e bondoso.

— Eh! companheiro!... Tive promettidas. No fim de um mez diziam-me que me não podiam amar, mas que seriam amigas de primeira agua.

— Ah! sim! conheço essa especie.

— A principio reneguei a todas; depois fiz um summario e condemnei-as a serem tias, ao celibato.

E Carrero seria capaz de suffocar as vozes do piano com uma gargalhada, se a mão de Lucio não lhe pousasse no hombro, pedindo silencio.

— Bom! — interrompeu o filho do coronel Herrera, mudando de idéa e de conversa. Dizias que me querias fallar: estou á tua disposição.

— Estamos em logar onde não possamos ser ouvidos?

— Estamos. Falemos a *sotto voce*.

— Muito bem; pois... como sabes, sou franco: quero resolver o enigma que hontem se te apresentou em casa do coronel Blanco, enigma que se pôde resumir n'uma palavra: Dolores.

— Sou todo ouvidos.

— Dizias estar bem longe de comprehender aquella mulher. E... em poucas palavras: o que querias dizer com todas as reticencias de linguagem, bem o comprehendi.

— O que era?

— Que Dolores te fazia a côrte!... Bom, bom! não sorrias... Com effeito, Dolores fazia-te a côrte, e por uma razão muita simples: eras o rapaz mais intruido d'aquelle sarão, apresentavas-te com um nome applaudido, premiado na Academia de Pariz, admirado entre os amigos e... *par dessus le marché*... bonito, robusto...

— Basta de tolices.

— Regra geral, meu caro: a mulher quer o talento, a mulher quer a instrucção e a illustração, quer o homem que tem um passado applaudido e um futuro a galardoal-o; tudo isto, porém, de nada vale com um physico desprotegido.

— Ha uma excepção á regra...

— E' verdade: as feias.

— N'esse caso, a mulher é um ente detestavel, material, falso; a mulher é um luxo.

— A mulher ama por vaidade duas vezes e reserva a estima calculada e fria para o homem com quem se casa. Dolores é um easo anomalo. Que idade tem ella? Trinta e sete annos? Que importa? E' ainda moça e vigorosa; é mulher que não pôde amar o coronel Blanco, homem velho, que vive da sua politiea... Pobre!...

— N'esse easo, porque se casou Dolores eom elle se o não amava? Não lhe faltariam partidos!...

— Com effeito, não lhe faltavam... e eu mesmo, não sei que te diga, era muito eapaz de me deixar aprisionar por ella.

— Mas...

— Mas... faltava-lhe dinheiro, e o coronel Blanco, eomprehendes, é um homem de *pesos*.

— Comprehendo. O que pois se opera em Dolores é a consequencia da lei fatal do organismo.

— Precisamente.

— E' um caso physiologico. Dolores casou se por dinheiro; enriqueceu... mas, em vez de encontrar

um esposo, obteve com o maldito calculo um verdadeiro *pac*. A natureza physica d'essa bella mulher pede amor. Chispam-lhe dos olhos as ardentias da mulher da zona torrida. Applica-se-lhe perfeitamente a lei dos *similhantes*. Darwin ditou a grande lei: a luta pela existencia. E' lei universal. Já reparaste a trepadeira a voltar, a recurvar-se com a sinuosidade do reptil, avançar, avançar até chegar ao tronco de um vegetal mais forte? Pois bem, póde-se dar isso com a natureza da mulher.

— Explica-te.

— A mulher é a natureza forte, embora as apparencias ditem o contrario. Nós obedecemos á lei de Darwin: vamos ao forte pedir o auxilio da vida de que necessitamos.

— Nesse caso, Dolores está em opposição á lei...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

A companhia de D. Manoel Ballesteros, que actualmente dá espectaculos no Recreio Dramatico, está longe de ser uma companhia de zarzuelas de primeira ordem. Entretanto, proporciona, á falta de coisa melhor, algumas noites bem agradaveis.

N'um facto, pelo menos, já ella se avantajou ás outras companhias hespanholas que ultimamente aqui têm estado: deu-nos uma zarzuela, *Los Aparecidos*, completamente nova para o nosso publico. Já estavamos fartos do *Campanone*, do *Jugar con fuego*, «et reliqua.»

*

De um velho melodrama de Emilio Souvestre arranhou Eduardo Garrido, com o seu talento habitual, o *Filho do Averno*, a peça phantastica de grande espectaculo que neste momento faz as delicias dos frequentadores do Apollo.

Garrido condimentou a peça, que é verdadeiramente litteraria e está escripta em linguagem de sabor antigo, com engenhosas visualidades e transformações muito do especialagrado do nosso publico. Fez um espectaculo para todos os paladares.

Accrescentem que os principaes artistas do Apollo dão boa conta dos seus papeis; que os scenarios,

pintados todos na Italia, são magnificos; que a musica, da qual se destacam dous bellos numeros escriptos por Abdon Milanez, é lindissima, — e depois me digam se o *Filho do Averno* é ou não é peça para centenario. E', sim senhores, a menos que continue o eterno caiporismo do Apollo, caiporismo que cessará desde que a empreza se desfaça de certos artistas cujo prestimo é completamente negativo, porque a platéa não os póde tragar.

*

A companhia Sousa Bastos, que prepara as malas para S. Paulo, poz em scena o *Cachimbo da vovó*, comedia em verso, escripta por Soares de Sousa Junior, já representada no Recreio Dramatico, e na qual tem o primeiro papel a estimada actriz Balbina Maia.

Poz igualmente em scena uma comedia franceza em tres actos, *Les rentiers*, que Sousa Bastos engenhosamente accomodou á scena portugueza com o titulo *Os nossos rendimentos*. No desempenho d'essa comedia, que é muito interessante, distingue-se o applaudido actor Joaquim Silva, que nos faz lembrar dous artistas portuguezes de primeira ordem: Ribeiro e Valle.

*

A companhia Dias Braga, desalojada da rua do Espirito-Santo pelas zarzuelas de D. Manoel Ballesteros, está explorando no Polytheama o seu opulento e eclectico repertorio.

X. Y. Z.

Recebemos um exemplar dos *Multicores*, de Heitor Guimarães, e outro dos *Poemas*, de Esequiel Ramos Junior. No proximo numero do *Album* nos occuparemos d'esses dous livros.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.